Surpreso, ele ri!
A experiência do objeto *a* na neurose obsessiva

Eliane Z. Schermann

Cada sexo, masculino e feminino, tem sua modalidade peculiar de gozar. No encontro entre os sexos, cada um goza de sua singularidade. Cada um, homem ou mulher, goza instigado e causado por "seu modo singular de gozar na medida em que é o inconsciente que o determina"[1]. Por exemplo, podemos dizer que o homem goza da detumescência e a mulher, inscrita na lógica não-toda, desvela um gozo a-mais que transcende o falo.

Contudo, na experiência analítica, encontramos modalidades distintas de gozar: a histeria, por exemplo, goza da impotência e da insatisfação; a neurose obsessiva, da impossibilidade de desejar, postergando sempre a busca da satisfação, por temer a possibilidade de ter que se ofertar como objeto à demanda do Outro, supostamente implacável.

Por meio de fragmentos de um caso clínico de neurose obsessiva, pretendemos discutir se foi permitido a um sujeito em análise, pela percepção da repetição de um vazio enigmático, ver-se como "gozante", ao menos vagamente, no "real que resiste" e "insiste em voltar ao mesmo lugar"[2].

[1] Lacan. *O Seminário – livro 22: R.S.I.* (1974-1975), (Inédito).

[2] Lacan. La tercera (1975/1980).

A experiência do objeto *a*, o desejo e a neurose obsessiva

Os instantes fugazes em que o desejo se manifesta como angústia[3] podem ser correlatos a momentos de destituição subjetiva. Nesses instantes, a fantasia é atravessada e o sujeito se *a*-presenta no objeto furtivo do desejo. Destacamos a letra *a* do termo *a*-presenta, para referi-la ao objeto *a*. Lacan define o objeto *a* de algumas formas. Entre elas, no seminário sobre a angústia, o objeto *a* é definido ora como a isca do desejo, ora como "tripa causal". No *Seminário – livro 20: Mais, ainda*, "é aquilo que supõe de vazio [...], [trata-se] do objeto que viria satisfazer o gozo"[4]. Correlato a uma falta-a-gozar e à abertura da realidade sexual do inconsciente, o objeto *a* equivale a um hiato de representação caracterizado por um "não há". A falta-a-gozar, por sua vez, equivale ao significante que falta para representar o gozo que escapa ao sentido. O gozo é comemorado apenas ao irromper no traço de repetição de um vazio de sentido, que

[3] Contrariamente a Freud, que destaca a ameaça de perda na angústia, seja do objeto, seja do amor, Lacan mostra que a angústia ocorre quando há proximidade com a "falta que vai faltar", ou seja, quando o objeto *a* se manifesta no vivente como substância gozante, isto é, no momento da fantasia como efeito da operação da linguagem no real.

[4] Lacan. *O Seminário – livro 20: Mais, ainda* (1972-1973/1982, p. 171).

retorna ao sujeito como um enigma e o desperta para o desejo de saber.

O objeto *a* se manifesta como um vácuo inassimilável da cadeia associativa, como enigma no desejo. No campo dos gozos[5], embora o sujeito tente se representar na cadeia pelos traços significantes que se sucedem, a cada intervalo da cadeia a que ele retorna e no qual se mantém em suspensão, há a repetição de um gozo que rateia por não ser alcançado pela cadeia associativa, por ser encontro faltoso com o real da experiência. Assim, paradoxalmente, ao alcançar um pouco de sua cota de gozo, o que se manifesta no sujeito é também gozo em perda, em razão da nostalgia por uma satisfação almejada, embora jamais alcançada. Enfim, por ser experiência de ruptura.

Lacan chama o objeto *a* no campo do gozo de objeto mais-de-gozar, tornando-o equivalente à mais-valia, com a qual Marx exprimiu o que se perde de energia pelo não-aproveitamento de uma parte do trabalho exigido. Para a psicanálise, essa perda de gozo se deve à entropia presente na própria repetição significante.

No vácuo aberto pela falta de significante que represente o sujeito e pela falta de objeto para satisfazer a pulsão, esta, em circuito, "satisfaz"-se nos confins do corpo. Ali, manifesta-se como gozo, que, de fato, é gozo em perda, já que mantém relação com a lembrança de uma satisfação "perdida" e, na verdade, nunca experimentada. A pulsão, portanto, tem íntima relação com um gozo "insensato", acéfalo[6] e à deriva nos volteios do desejo.

Ao supor ter de se fazer objeto para preencher, tamponar e apaziguar a falta e a "gulodice" da demanda advinda do Outro, o neurótico oferece suas identificações. A sua primeira identificação tem relação com a fantasia de ser o "objeto do Outro". Identificando-se com o "sê-lo", dá consistência com seu corpo ao que deveria ser falta. Fixando-se nessas identificações – "sê-los" –, ele insiste na manobra de se furtar ao desejo. A experiência de análise tem, assim, o dever ético de relançá-lo uma vez mais ao curso e ao discurso do desejo.

Como a neurose obsessiva tende a confundir o desejo, que se produz para além da demanda, com a própria demanda, e a demanda tem relação direta com a identificação primária, o neurótico obsessivo "imagina" que deve oferecer-se como objeto (de gozo) à suposta "tentação" do Outro. Para evitar se deparar com a sua castração do Outro e ao que, no Outro, deveria se manifestar como falta, ele fantasia que o Outro é demandante, e por isso recorre à oblatividade.

[5] Escrevemos a falta-a-ter, a ser e a gozar como equivalentes da modalidade de falta de objeto, seja do (-φ), seja do objeto *a*. Temos acesso ao ser logicamente construído apenas nos momentos em que o sujeito está suspenso ao que se furta de seu desejo.

[6] Acéfalo = sem sujeito, sendo o sujeito aquele que se representa de um significante para outro.

[7] Lacan. *O Seminário – livro 10: A angústia* (1962-1963/2005).

Nesses termos, a oblatividade é uma estratégia "escolhida" pelo obsessivo para lidar com a "falta que ameaça faltar"[7]. Trata-se de uma estratégia a que o sujeito recorre para lidar com a ameaça que surge ante a proximidade do gozo pelo qual teme ser tragado e desvanecer. Esse excesso pulsional o ameaça com a "morte" supostamente ligada à demanda do Outro – quererá o Outro a sua perda, a morte, o apagamento de seu desejo?

O obsessivo, portanto, fantasia que o Outro goza e quer a sua perda. Para evitar mergulhar nessa suposta demanda de morte, faz consistir seu eu na imagem do eu ideal edificado nos traços identificatórios do ideal do eu. Dito de outro modo, o obsessivo tenta encarnar seus ideais na seriação dos personagens, enquadrando-os no cenário de sua fantasia.

Como a libido facilita as trocas simbólicas, permite ao sujeito tornar-se equivalente ao objeto que supõe ter sido demandado pelo Outro. É por isso que ele pode constituir sua identificação segundo as demandas supostas ao Outro, do qual se faz fiador e, portanto, é compelido a tentar burlar.

sucessivas destituições subjetivas em um caso de neurose obsessiva

Uma intervenção analítica, segundo Lacan, "deve produzir ondas". A proposta deste trabalho é a de verificar se, no caso clínico em questão, a intervenção do analista teve efeitos, fazendo com que o sujeito oscilasse entre a falta de significante e a falta de objeto, no hiato aberto no real da experiência, quando sua tentativa de lidar com o desejo o ameaçava e o compelia a recorrer a uma estratégia oblativa.

Convocado pela demanda e pelo objeto insensato da pulsão, um sujeito pode vacilar em *fading* na travessia da fantasia. Os instantes fugazes em que o sujeito vacila em seus traços identificatórios também podem revelar o que lhe permite reconhecer-se minimamente em sua modalidade de gozo. Nesses momentos, a experiência de análise tem como efeito súbitas manifestações de destituições subjetivas.

Com certa expressão de sofrimento, um jovem muito bem-sucedido no trabalho se descreve como "um homem que não se satisfazia apenas com uma mulher". Para ele, isso era "uma grande dor". Dizia querer sentir por sua esposa o "desejo" (ou demanda compulsiva?) que o compelia a buscar "sempre" outras mulheres. Assim, para ele, seu casamento estava sempre em risco, razão pela qual sofria muito. Suas constantes e repetidas dúvidas assolavam seus pensamentos e o dominavam. Sem dar muita importância, comenta que, ao andar pela cidade, "tentava

sempre pisar nas calçadas em *linha reta*". Ora, sabemos o quanto a transgressão, o avesso da oblatividade, é importante para que o sujeito se furte ao desejo do Outro, o qual, na neurose obsessiva, é percebido como uma demanda irrefutável. Ao que esse sujeito visava com seus sintomas e o que buscava na seriação de mulheres que se sucediam em seus casos amorosos?

Em determinado momento da experiência de análise, ele utiliza o significante "o comedor", que me pareceu ser um significante identificatório pelo qual metaforizava a "falta" do Outro e era compelido a se fazer fiador do Outro, como veremos adiante. Teria esse traço alguma relação com o que poderíamos chamar de o "pecado do pai", correlato à "tentação do Outro", ou seja, aquilo que o sujeito "herda" da castração do Outro?

Ele parecia instituir nesse significante suas identificações para dar certa consistência à divisão do eu. O que ele queria pôr em questão com a recorrência do significante "comer"? Que sofrimento era esse que dizia sentir ao ser compelido às mulheres? Segundo Lacan, é no significante que se delineia o sintoma como "modo de gozar do inconsciente à medida que o inconsciente o determina"[8]. Que sofrimento, dor ou luto não realizado convocava o âmago do ser desse sujeito a se manifestar? Que luto poderia ser visado pela experiência analítica? Seria o do objeto-memorial de gozo, do qual esse sujeito se furtava para evitar se deparar com um "gozo-a-mais"? Entendemos aqui que um gozo-a-mais é um gozo em excesso não todo absorvido pela cadeia associativa. É esse gozo que, ao insistir em se manifestar, faz o sujeito retornar, como por acaso, ao "real que resiste".

[8] Lacan. *O Seminário – livro 22: R.S.I.* (1974-1975), (Inédito).

Será, então, que esse sujeito teria de fazer o luto do significante, no qual, compelido pela exigente demanda suposta ao Outro, erigia seu eu? Paradoxalmente, esse é o ponto em que o sujeito também tende a se abolir, ou seja, é no hiato do objeto, em que situamos a manifestação da falta e da perda de gozo, que o sujeito ora se institui e quer se representar, ora pode se manifestar como signo de destituição subjetiva. No mais íntimo e mais estranho do ser, o desejante erige seus sintomas, isto é, o mais peculiar de sua subjetividade.

Em análise, pouco a pouco, o significante que falta começa a voltar como questão para esse sujeito. Ele vacila no lugar onde ressoava o objeto *a*, que, para ele, manifestava-se, inicialmente, na voz de um supereu exigente e imperativo. Nesses momentos, ele se auto-acusava: "Como posso ser tão infiel com uma mulher tão linda com a minha, que me acolhe em tudo, e é tão boa dona-de-casa e mãe tão dedicada, e que cuida tão maravilhosamente de meus filhos?" Assim, por meio

de diversas manifestações superegóicas de culpa como esta, ele parecia antecipar a crítica do Outro, para torná-lo mais e mais consistente, e nele encarnar as figuras de poder que relatava existir em vários acontecimentos de sua história de vida, às quais, aos poucos, percebia estar submetido.

Uma das fontes de angústia na neurose obsessiva é o temor ao Outro que o sujeito edifica nas figuras idealizadas do mestre gozador e no senhor da demanda de morte, de um lado, e que faz encarnar em personagens depreciados correlatos ao pai degradado, de outro. Ademais, parecia, com expressões auto-acusatórias, manifestar, na culpa, um índice-memorial de gozo que o supria ao ocupar o lugar de sua divisão subjetiva a cada vez que se deparava com um enigma sobre sua existência. Era assim que ele se protegia da angústia, evitando se deparar com a castração, com o desamparo e com a inconsistência do Outro, ao qual imaginava ter de se doar como objeto.

Um dia, inesperadamente, a analista interrompe a manifestação expressa nas "lágrimas de crocodilo" de sua reiterada manifestação superegóica: "Puxa, que mulher maravilhosa e perfeita você tem!" Ao ser ouvida por ele como um equívoco, essa frase tão corriqueira o levou, como se tivesse sido "pego com a mão na botija", em "flagrante delito", a "cair" em uma gargalhada gostosa[9]. Sua manifestação de surpresa e humor pareceu, então, desvelar a irrupção de uma exigência econômica de gozo, precisamente no ponto de interseção disjuntiva entre o inconsciente e o isso[10], em que se desvelaria para ele a disjunção entre saber e gozo, ou seja, ele "não tem" o falo, que o riso mostra estar em "detumescência", nem ele "é" o falo. Como nos ensina Lacan, o "falo vale por sua queda".

Capturado por esse instante fugaz correlato a um vazio de sentido e afetado pela angústia, seu riso denota um índice do gozo que o divide, manifestando-se como signo de destituição subjetiva. Logo, começa a se interrogar sobre o enigma do desejo do Outro, mostrando-nos que é via o desejo do Outro, então barrado pelo enigma que a ele retornara, que pode "reconhecer" o âmago de seu ser de gozo.

Em seguida, as imagens enganosas erigidas no eu para recobrir a divisão subjetiva começam a desmoronar, indicando que tal momento parece ter correspondido à vacilação dos significantes que sustentavam as identificações para o seu ser de gozo, entre as quais a de "comedor". Ele, então, lembra de uma cena de infância em que ele e os irmãos, conduzidos pela mãe, foram obrigados a ir com ela até a casa da suposta amante do pai para "testemunharem", todos juntos, "o pecado do pai".

[9] Essa risada me lembrou o momento em que o pequeno Hans ri por achar "engraçado" o "pipi" de sua irmã, e Freud considera que ele experimentou a castração.

[10] O inconsciente é articulado pelas associações e o isso, reservatório das pulsões.

Ele descreve esta cena como de horror. Ele diz ter sentido uma indescritível vergonha, uma vontade imensa de fugir, além de uma sensação insuportável no corpo e um terrível medo da reação da mãe e do ridículo do pai. Ele havia vivenciado esta cena como traumática devido a uma invasão *trou* e *trop*-mática. Ora o objeto ecoa retornando, contornando o oco simbólico *trou* e *trop*-mático, ora fixa o âmago do ser em instantes fugazes balizados pela fantasia. Neste caso, naquele instante, ele "vê" o pecado do pai, depara-se com o furo do Outro.

Lacan faz uso do equívoco significante entre *trop-matisme* e *trou*-matisme – em francês, *trou* significa "buraco" ou furo simbólico, e *trop* se refere a um "a-mais" de gozo. Aí, o objeto está fora do simbólico, é *hors-sexe*, ou seja, trata-se de um *a*-mais pulsional que o significante não consegue barrar de todo[11]. Devido à impossibilidade de um ponto de basta simbólico, o que desse mal-encontro resta é *trop*-matismo para o sujeito. O excedente que deriva do *trou* resta como pulsão, fazendo com que o sujeito seja, uma vez mais, convocado e relançado pela verdade do desejo. Esse excedente é deriva pulsional, lugar onde o objeto *a* não se escreve, é vácuo e... vaza.

[11] Por isso, podemos considerar inclusive o significante do recalque como uma defesa à angústia!

O analisante se surpreende também ao dizer "ter tido sempre" muito "medo das mulheres" e ter sido "sempre vigiado e perseguido" por elas. Aqui, a repetição do trauma retorna em um *a posteriori*, significado na questão despertada pela interrogação "sempre?". É esse o momento em que ele se recorda de outra cena, semelhante à primeira, em que, uma vez mais, viu-se vigiado pelas mulheres: uma de suas amantes o vê buscar no celular os recados que ele havia recebido de outras mulheres, ou seja, ela repetia a atitude de sua esposa de que ele "sempre" se queixava.

Ao mesmo tempo que ele parecia se balizar pela fantasia 'vigia-se/persegue-se uma criança', o olhar, expressão do vazio do Outro que ele tornava consistente ao encarná-lo na série das mulheres que o vigiavam, faz com que se lembre de outra cena infantil, em que ele, protagonista, havia sido repreendido pela mãe "por ter sido pego em flagrante [delito] levantando a saia de uma coleguinha na escola primária". Estaria ele endereçando seu olhar furtivo para a castração, para o enigma sobre o gozo da mulher?

O objeto oral da demanda – conotado pelo significante "comedor/comer com os olhos" – parece ter se manifestado no deslocamento em direção ao gozo escópico. Manifestava-se assim o olhar que o detinha e no qual fixara o âmago pulsional de seu ser de gozo de homem: "gozar do vazio do olhar/comer com os

olhos" ou ainda "gozar de ser vigiado pelas mulheres/escapar delas" – quase igual ao desejo do caso freudiano do Homem dos Ratos, cujo desejo era olhar as mulheres nuas. Essa fantasia talvez se tenha erigido para evitar o desamparo provocado pela ameaça de castração do Outro, da falta do Outro. Ele então se pergunta sobre o que repetidamente fazia para que isso "sempre" acontecesse: ser vigiado e se tornar refém das mulheres?

O olhar do Outro – olhar em flagrante a amante do pai, as mulheres que o vigiavam, o que havia embaixo da saia das mulheres – retorna-lhe no vazio de significação. No instante fugaz em que vacilam as identificações, o sujeito *é* o objeto vibrando do pavor de ser "devorado" pelo apetite do olhar do Outro. Nesses termos, "devorado" e "comedor" são significantes que se equivalem e fazem o eu vacilar. Dito de outro modo, no instante em que o objeto é alcançado na fantasia, esta abre suas comportas, indo do surgimento do sujeito, representado pela palavra e efeito da linguagem, à manifestação, pela destituição subjetiva e pela angústia, do objeto ejetado e "êx-timo" ao simbólico. Com isso, o sujeito pode minimamente "reconhecer-se", ao se "constatar" em sua falta, que é gozo evanescente, gozo em perda.

O enigma do sujeito, ou seja, o *x* do sujeito, equivale ao objeto *a*, signo do gozo que a ele se furta – o olhar que vigia – e que, no corpo, também evoca e sustenta o "gozo do Outro", ou gozo impossível, uma vez que o Outro não goza. Como Um gozador, o Outro do olhar encarnado o atemorizava, sendo o gozo do Outro apenas uma fantasia do neurótico construída para permitir localizar minimamente o gozo sexual no corpo. É o gozo do Outro estruturado como fantasia que dá estatuto ao gozo no corpo, sendo possível considerar que, para esse sujeito, o que se manifesta no corpo é a forma masculina de gozar das mulheres.

Ao começar a se indagar por que procedia da maneira que lhe era própria, ou seja, qual era o lugar para o seu "ser" no desejo do Outro ou ainda quem era ele em face da série das "mulheres perfeitas" e ideais, passou a considerar seu lugar na inconsistência do Outro. Ao oscilar na lógica da fantasia, passou a gozar de "olhar" o "enigma feminino" na série das mulheres que se sucediam. O objeto oral ao qual inicialmente se identificara – o comedor, o que come com o olhar –, que era um traço por meio do qual dava consistência ao Outro, sendo-lhe fiador, é aparentemente substituído pelo olhar que se endereça ao enigma do gozo feminino, um gozo sem representação e mais próximo ao real pulsional, que então não mais o atemoriza necessariamente.

Para considerar os instantes de vacilação da fantasia na vertente de sucessivas destituições subjetivas, é preciso ainda distinguir alguns aspectos relativos à falta de significante no real. Ora o sujeito *é* o significante no qual insiste em *a*-presentar seu gozo, ora não o *é*. Sua gargalhada é uma manifestação do início da destituição das identificações ocorrida em sua experiência analítica.

Isso que dizer que, no instante de ver e constatar a ausência de significante em que pudesse se representar, o sujeito vacila e ri. Dito de outro modo, ele *é* o objeto de uma falta no Outro que positiva seu gozo escópico. No instante fugaz, o olhar enquadrado na fantasia o faz passar da retificação subjetiva ao apaziguamento pelo simbólico. Efeito da linguagem, esse sujeito está, portanto, em "extimidade"[12] em relação ao simbólico. Será, então, que podemos tomar esses momentos fugazes em que vacilam as identificações, esses momentos de manifestação de sua falta de gozar, de uma falta de objeto, como instantes de destituição subjetiva e *fading*? Talvez sim, pois o objeto da fantasia, até então utilizado para tamponar a falta do Outro (oblatividade), de alguma maneira, após a intervenção analítica, manifesta-se como perda e falta. Esse sujeito *é* marcado, primeiramente, pelo objeto oral – voz superegóica, voz demandante – por meio do qual dá consistência ao Outro. Depois, *é* o objeto olhar que a ele se furta.

A destituição subjetiva, avesso da oblatividade, é correlata ao instante fugidio em que se manifesta, pela angústia, o vácuo do objeto. Este traduz para o sujeito o que ele *é* para o Outro: "potência de pura perda"[13], expressão equivalente àquela utilizada em *A direção do tratamento e os princípios de seu poder* para exprimir o aspecto de "ser instigado pela força da libido"[14]. "Potência de pura perda" se refere ao fato de ser despertado pelo instante contingente da fantasia, em que o sujeito se faz equivaler ao objeto, que ora o fixa no enquadre da fantasia, ora está em queda. Nesse momento, ele também *é* "a Coisa real – *das Ding* fora-de-significado – que padece do significante"[15].

Por uma fração de segundos, enfim, ele *é* o gozo escópico do olhar mudo desgarrado da experiência de desejo, e sua surpresa, expressa em sua gargalhada sem palavras, revela um despertar em oposição à oblatividade, parecendo manifestar-se nesse 'lugar real do impossível de dizer' como gozo em perda.

[12] Termo usado por Lacan para mostrar a ambigüidade entre a intimidade e o desconhecimento do sujeito no significante que falta e no objeto que a ele se furta. Equivalente ao "estranho/familiar" freudiano.

[13] Lacan. *Televisão* (1974/1993, p. 81).

[14] Lacan. A direção do tratamento e os princípios de seu poder (1958/1998, p. 616).

[15] Lacan. *O Seminário – livro 7: A ética da psicanálise* (1959-1960/1988, p. 149).

LACAN, Jacques. (1958). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 7: A ética da psicanálise* (1959-1960). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 10: A angústia* (1962-1963). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 20: Mais, ainda* (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1982.

LACAN, Jacques. (1974). *Televisão*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1993.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 22: R.S.I.* (1974-1975). Inédito.

LACAN, Jacques. (1975). La tercera. In: *Intervenciones y textos 2*. Buenos Aires: Manantial, 1988.

resumo

Este trabalho pretende discutir, com base em um caso clínico, a defesa pela oblatividade como uma estratégia "escolhida" pelo obsessivo para lidar com a "falta que ameaça faltar", e que se manifesta na proximidade do gozo pulsional. A direção do tratamento se propôs a verificar se a intervenção analítica "provocou ondas", tendo como efeito diversos momentos de destituição subjetiva.

palavras-chave

neurose obsessiva, gozo do Outro, oblatividade, destituição subjetiva

abstract

This work intends to discuss a clinical case in which the oblational defense was a strategy chosen by an obsessive man in order to deal with the anguish and the proximity to the drive "enjoyment". The psychoanalytical treatment intended to verify if the analytical intervention "provoked waves", and if it had as effect several moments of subjective destitution.

key words

obsessional neurosis, Other's enjoyment, oblativity, subjective destitution.

recebido
20/08/2006

aprovado
03/10/2006